

Luz para o caminho escuro

Salmo 119.105-112 (NAA)

♪ Num

¹⁰⁵Lâmpada para os meus pés é a tua palavra, é luz para os meus caminhos. ¹⁰⁶Jurei e confirmei o juramento de guardar os teus retos juízos. ¹⁰⁷Estou aflitíssimo; vivifica-me, SENHOR, segundo a tua palavra. ¹⁰⁸Aceita, SENHOR, a espontânea oferenda dos meus lábios e ensina-me os teus juízos. ¹⁰⁹A minha vida está sempre em perigo; no entanto, não me esqueço da tua lei. ¹¹⁰Os ímpios armam ciladas contra mim, mas eu não me desvio dos teus preceitos. ¹¹¹Os teus testemunhos, recebi-os por legado perpétuo, porque são a alegria do meu coração. ¹¹²Inclino o coração a guardar os teus decretos, para sempre, até o fim.

A popular apresentadora norte-americana Oprah Winfrey, conhecida no mundo todo pelo programa *The Oprah Winfrey Show*, costuma repetir uma tese que se tornou o verdadeiro norte da nossa geração. Ela diz o seguinte: “Os sentimentos são o seu sistema de GPS para a vida.”

E olha, isso não é uma frase solta. A Oprah reforça esse pensamento no livro dela *The Wisdom of Sundays: Life-Changing Insights from Super Soul Conversations* — em português, algo como *A Sabedoria dos Domingos: Lições Transformadoras de Conversas que Tocam a Alma*. E ela também martela essa ideia em discursos marcantes, como o que proferiu na Universidade de Stanford, em

junho de 2008. Naquela ocasião, ela deu o seguinte conselho aos formandos:

“O seu sistema de orientação emocional avisa. Se parece certo, vá em frente. Se não parece certo, não faça. Essa lição, por si só, vai poupar muito sofrimento a vocês.”

É uma ideia sedutora, não é?

É a crença de que a verdade absoluta não está fora de nós, mas instalada no painel do nosso próprio coração.

Essa tese da Oprah, na verdade, é só a sistematização de algo que a Disney já tinha transformado em doutrina de animação. Especialmente a partir da chamada “Renascença Disney” — com filmes como *A Pequena Sereia*, de 1989, *Pocahontas*, de 1995, e *Mulan*, de 1998 — o pilar central das narrativas passou a ser aquele mantra: “siga o seu coração”.

O enredo é quase sempre o mesmo. A verdade mora exclusivamente dentro da gente, e essa autenticidade emocional deve prevalecer sobre qualquer expectativa social, sobre qualquer lógica familiar, sobre qualquer tradição estabelecida. O “eu” se torna a autoridade final.

Agora, preste atenção: essa cultura de abandono da verdade que está fora de nós, em favor da intuição, já tinha atingido o seu ápice iconográfico no cinema bem antes disso. Foi em 1977, com o clímax de *Star Wars: Episódio IV — Uma Nova Esperança*. Na Batalha de Yavin, Luke Skywalker enfrenta o desafio impossível de destruir a Estrela da Morte. E no momento crítico, a voz de Obi-Wan Kenobi — seu mestre jedi e mentor já falecido — surge com uma instrução que resume essa era inteira:

“Use a Força, Luke... Solte-se.”

Observe o simbolismo daquela cena.

Luke desliga o computador de mira — o instrumento da precisão, do cálculo, da lógica — e fecha os olhos. Ele decide ser guiado por um instinto invisível. Na mitologia do filme, “a Força” é uma energia espiritual que permeia a galáxia. Mas, na prática da narrativa, ela funciona como a validação máxima do sentimento sobre a razão. Luke atira no escuro, confiando que a vibração interna dele está em sintonia com a verdade do universo.

No cinema, essa entrega ao instinto garante a vitória e a destruição do mal. Mas, fora das telas, essa bússola interna é devastadora. Por quê? Porque o problema de um sistema de navegação baseado no coração é que — nas palavras do profeta em **Jeremias 17.9** — “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto.”

Então me responda: como confiar nas inclinações desse instrumento quebrado chamado coração? Como fechar os olhos para a realidade dos fatos, para as leis do Criador, e atirar no escuro, seguir no escuro, confiando que o seu desejo, a sua vibração interna, ou seja lá o que for, está em sintonia com a verdade que sustenta e guia o universo?

Isso tem um nome, meu irmão. Isso tem um nome, minha irmã. E não é sabedoria, não. Chama-se loucura. E é dessa forma, de forma louca, que a humanidade caminha. E talvez você mesmo, você mesma, faça parte dessa jornada através do corredor da morte, cujo destino será a condenação eterna, o juízo de Deus.

A clareza da palavra de Deus

Olha, se a humanidade caminha no escuro — literalmente: de olhos fechados para a realidade, atirando às cegas, confiando em uma bússola quebrada chamada “coração” —, então a pergunta que precisa ser feita é a seguinte: existe alguma luz confiável? Existe algum mapa que realmente funcione?

E é aqui que o salmista entra. Davi vai nos mostrar, na estrofe **Nun** do Salmo 119, do versículo 105 ao 112, que sim, existe. E essa luz se chama palavra de Deus. Ela é lâmpada para os nossos pés e luz para os nossos caminhos.

O que é a perspicuidade da Bíblia

Essa estrofe enfatiza um atributo da Bíblia que significou tudo para os Reformadores Protestantes. Eles chamavam isso de **clareza**. Ou, usando o termo técnico, **perspicuidade da Bíblia**.

E o que eles queriam dizer com isso? O seguinte: a Bíblia é basicamente compreensível para qualquer pessoa de mente e coração abertos que se dispuser a lê-la.

Quer dizer, não é necessário um PhD em teologia. Não é necessário um magistério eclesiástico oficial para dizer ao crente comum da igreja o que ela significa. Você mesmo, com a Bíblia aberta no colo, pela iluminação do Espírito Santo, pode entendê-la.

O que a perspicuidade *não* significa

Agora, atenção! Porque eu preciso fazer alguns esclarecimentos importantes aqui.

Isso não quer dizer que todas as partes da Bíblia sejam igualmente claras. Não significa que não existam passagens difíceis. Não significa que não haja valor em um ministério pastoral bem versado nas Escrituras, ou em adquirir algum conhecimento da sabedoria acumulada ao longo da história da igreja.

As Confissões de Fé, os Catecismos e os livros de teologia produzidos ao longo da nossa riquíssima tradição são valiosíssimos para nos ajudar a digerir e a lembrar aquilo que a Bíblia ensina. E um estudante sério da Bíblia é tolo se negligencia tudo isso.

E tem mais:

A clareza da Bíblia não é uma desculpa para liberar uma onda indisciplinada de mera opinião privada — aquele famoso “o que a Bíblia significa *para mim*” —, como se qualquer ideia desvairada sobre o ensino bíblico devesse ser considerada tão válida quanto qualquer outra.

Não, meus irmãos. A perspicuidade, ou a clareza da Bíblia, significa exatamente o oposto. Significa que a Bíblia é suficientemente clara para que qualquer indivíduo normal possa lê-la e descobrir o que ela, a Bíblia, está dizendo. O foco está no que ela diz. Não no que eu acho.

Um alerta importante:

Vivemos em uma época em que muitos cristãos ocidentais — e o nosso evangelicalismo brasileiro está cheio disso — adotaram aquilo que o sociólogo americano Christian Smith chamou de **deísmo moralista terapêutico**. É um pseudoevangelho que diz, mais ou menos, o seguinte:

“Deus existe, Deus quer que eu seja uma pessoa boazinha, o objetivo principal da vida é eu ser feliz, sentindo-me bem comigo mesmo, Deus só precisa aparecer quando eu tiver um problema para resolver, e, no fim, as pessoas boas vão para o céu.”

É exatamente isso que a Oprah prega. É exatamente isso que muito pregador prega no Brasil. Mas é um evangelho sem cruz, sem pecado, sem arrependimento e, no fundo, sem Bíblia. Porque ele troca o que a Escritura diz pelo que faz a gente se sentir bem.

Mas então, por que tantas teologias diferentes?

Por coisas como essas que surge a pergunta inevitável: então, pastor, por que existem tantas teologias diferentes na igreja? Se a Bíblia é tão clara assim, por quê? Por que tantos erros de interpretação? Por que tantas divergências doutrinárias?

Eu respondo. E vou responder em dois pontos.

Primeiro: porque nós somos pecadores

Por sermos pecadores, temos uma tendência inerente a interpretar e a ler mal a Bíblia para a nossa vantagem pessoal, enxergando o ensino dela através das nossas próprias lentes distorcidas.

E essa tendência não é exclusiva da nossa leitura da Bíblia.

Nós temos a tendência de reformular até os fatos mais simples para nos colocarmos sob uma boa luz e colocar as outras pessoas sob uma luz ruim.

É por isso que as culturas desenvolvem sistemas legais elaboradíssimos, justamente para tentar chegar ao cerne das questões em disputa — e, pela aplicação dessas leis, não se cometer injustiças.

É por isso também que nós precisamos orar quando estudamos a Bíblia, pedindo a Deus que impeça os nossos preconceitos pecaminosos e egoístas de atrapalharem a leitura.

E é por isso, ainda, que nós recorremos ao trabalho dos crentes do passado — isto é, as nossas Confissões de Fé, os nossos Catecismos, os nossos livros de teologia —, nos valendo da sabedoria que outros tiveram antes de nós ao longo de toda a história da igreja.

É exatamente aqui neste ponto que o deísmo moralista terapêutico ataca. Porque, quando a gente lê a Bíblia já partindo do princípio de que o objetivo da vida é *eu* me sentir bem comigo mesmo, eu inevitavelmente vou torcer o texto para que ele me diga o que eu quero ouvir. Eu vou pular o pecado. Vou pular o juízo. Vou pular a cruz. E vou ficar só com os versículos que combinam com o meu projeto de felicidade. E aí a Bíblia, que era para ser lâmpada para os meus pés e luz para o meu caminho, vira espelho do meu ego e holofote para a minha vaidade.

Segundo: a concordância é maior do que parece

Em segundo lugar, apesar das nossas distorções pecaminosas da palavra de Deus, há muito mais concordância entre os cristãos a respeito do que a Bíblia ensina do que a objeção supõe.

Apesar das nossas muitas divisões — algumas delas endurecidas por séculos de disputas e até de guerras eclesiásticas —, ainda há concordância entre verdadeiros cristãos sobre a maioria dos pontos essenciais do ensino bíblico.

Por exemplo:

Nós cremos em um Deus Trino. cremos na plena divindade e na plena humanidade de Jesus Cristo. cremos no nosso pecado. cremos na morte vicária de Jesus em nosso lugar pelo pecado, para que da ira de Deus nós fôssemos salvos. cremos na obra do Espírito Santo nos conduzindo à fé. cremos na igreja. cremos na lei moral de Deus. cremos no retorno de Cristo, na ressurreição dos mortos e no juízo final.

E olha, isso é apenas uma rápida visão geral da teologia cristã, mas é muita coisa. É basicamente o que está bem expresso nas primeiras confissões de fé dos cristãos: o *Credo Apostólico*, o *Credo Niceno* e outros.

O que nos define como cristãos protestantes reformados

O que nos caracteriza especificamente como cristãos protestantes e reformados, contudo, é a nossa adesão aos pilares que foram recuperados na Reforma do século XVI.

Nós cremos que a Escritura não é apenas um livro de bons conselhos, mas a nossa única regra infalível de fé e prática — *Sola Scriptura*. Nós afirmamos que a salvação é uma obra inteiramente da graça de Deus, sem qualquer cooperação do mérito humano, recebida somente pela fé no sacrifício perfeito de Cristo. Para nós, a vida cristã não é uma busca por mera satisfação pessoal, mas uma

existência vivida para a glória de Deus e o nosso desfrute dele, sob a soberania dele que governa cada detalhe da história e da nossa salvação.

E essa herança reformada é o que nos mantém firmes em meio à imensa confusão doutrinária do mundo evangélico contemporâneo. Enquanto muitos grupos hoje trocam a sã doutrina pelo pragmatismo, pelo misticismo subjetivo, ou por um cristianismo focado em realizar desejos humanos, a ortodoxia cristã, protestante, reformada nos ancora na objetividade da Palavra.

Nós não somos guiados por “novas revelações”, nem por sentimentos que oscilam. Nós somos guiados pela revelação final e suficiente de Deus. Onde o mercado religioso atual oferece entretenimento e autoajuda — onde o deísmo moralista terapêutico oferece um Deus terapeuta de plantão e uma religião que serve para fazer você se sentir bem consigo mesmo —, nós oferecemos a profundidade das doutrinas da graça. Nós combatemos os desvios antropocêntricos. E nós devolvemos a Cristo o centro da adoração e da vida da igreja — para a nossa verdadeira alegria.

O verdadeiro problema

Portanto, o nosso problema com o ensino da Bíblia sobre essas questões não é que sejam difíceis de entender.

O nosso problema é que nós não queremos entendê-las. Ou que nós não dedicamos tempo a isso.

Somos esclarecidos pela palavra de Deus

A Bíblia não é apenas clara em si mesma. Ela também é esclarecedora. Isso significa que nós vemos outras coisas com clareza por meio da sua luz; nós não fechamos os olhos para seguir instintos ou o coração; nós os abrimos para ler as Escrituras, em busca de esclarecimentos. E aqui na estrofe *Num* (vs. 105-112) Davi enumera **sete coisas** que são esclarecidas pela lâmpada e a luz da Palavra.

1. O caminho que devemos seguir (v. 105)

A Bíblia esclarece o caminho que devemos seguir.

Quando no **versículo 105** o salmista chama a Palavra de “lâmpada para os meus pés” e “luz para o meu caminho”, ele fala sobre como devemos viver. Nós não sabemos viver. A Bíblia expõe as direções erradas e ilumina as corretas.

Mas atenção: muitos cristãos acham que a Bíblia existe para dizer qual emprego aceitar, com quem casar, onde morar. Não é assim. Ela não dá direcionamentos místicos. Ela molda o caráter cristão e estabelece as prioridades certas. Essa é a verdadeira luz para o nosso caminho — e só a Bíblia a fornece. O mundo só sabe exaltar prioridades erradas e caráter pervertido.

2. Comportamento justo (v. 106)

A Bíblia esclarece qual é o comportamento justo. **Versículo 106**: “Jurei e confirmei o juramento de guardar os teus retos juízos.”

Aqui não se trata da justiça de Cristo imputada a nós, mas de ações justas — guardar os “retos juízos” de Deus.

Mas por que precisamos da Bíblia para isso? O mundo não tem a chamada lei natural? Tem, sim. Em geral, todos sabem que matar, roubar e mentir é errado.

O problema é que os nossos maiores dilemas não são preto no branco. São cinzentos. E se a situação não parece cinzenta de imediato, basta conversar com alguns amigos — cada um enxerga de um ângulo, e tudo embaça.

Só estudando, meditando e aplicando a Bíblia é que achamos o caminho pela paisagem cinzenta da vida caída no pecado. Porque a Bíblia não é cinzenta. Ela esclarece e mostra como caminhar pela escuridão.

3. Sofrimento (v. 107)

“Estou aflitíssimo”, diz o salmista no versículo 107.

A Bíblia esclarece as várias razões para o sofrimento: há o **sofrimento comum**, fruto da Queda que afeta a todos neste mundo quebrado; o **sofrimento corretivo**, que é a disciplina amorosa do Pai para nos desviar do erro; o **sofrimento construtivo**, usado para refinar nosso caráter e nos tornar parecidos com Cristo; e o **sofrimento cósmico**, aquele gemido de toda a criação que anseia pela restauração final. E todos eles glorificam a Cristo.

Mas razões para o sofrimento não é o que o salmista discute aqui no versículo 107. Ele ora: “Vivifica-me, SENHOR, segundo a tua palavra.”

No sofrimento, Davi recorreu à Bíblia e nela encontrou a presença de Deus e as promessas dele. Foi isso que o sustentou. Se alguma vez houve luz no fim do túnel escuro de Davi, foi quando ele abriu as páginas da Bíblia.

4. Adoração correta (v. 108)

A Bíblia esclarece qual é a adoração correta.

O **versículo 108** fala de duas coisas: louvar a Deus com a boca e ser ensinado nos juízos dele. Andam juntas, porque é disso que se trata a verdadeira adoração.

Aceita, SENHOR, a espontânea oferenda dos meus lábios e ensina-me os teus juízos.

Quando chegamos à igreja, antes de tudo precisamos ser ensinados na Bíblia. Deus falou nela, e é nela que ele continua a falar. Nada é mais importante para a saúde da igreja do que o ensino bíblico sólido — a pregação expositiva.

Mas isso está sendo negligenciado, até nas chamadas igrejas evangélicas. No lugar da Bíblia, as pessoas recebem testemunhos

personais, profecias humanas com teor de auto-afirmação ou de prosperidade, psicologia popular, autoajuda, estimulantes de bem-estar e entretenimento. E a ignorância bíblica é assustadora.

Davi, porém, clama pelo esclarecimento da palavra de Deus; ele diz: “ensina-me os teus juízos”, uma vez que somente assim será aceitável ao SENHOR “a espontânea oferenda dos meus lábios”.

A decadência do louvor nas igrejas contemporâneas está ligada à ignorância bíblica. E isso só se corrige com profundidade bíblica recuperada. Nós nem sabemos o que agrada a Deus na adoração, a menos que sejamos esclarecidos pela luz da Escritura.

5. Os perigos desta vida (v. 109)

A Bíblia esclarece os perigos desta vida.

A minha vida está sempre em perigo; no entanto, não me esqueço da tua lei.

O hebraico diz literalmente: “Minha alma em minhas mãos constantemente”. É a ideia do “estou pondo a minha vida em minhas mãos”; ou, mais popularmente, “estou com o coração na mão”. Davi vivia em perigo constante.

Geralmente pensamos em perigo físico — e Davi enfrentou muito disso. Mas os salmos também falam de perigos espirituais: cair em pecado, esquecer-se de Deus, viver sem a alegria da salvação. O versículo 109 combina os dois.

Quando ele acrescenta “no entanto, não me esqueço da tua lei”, Davi confessa que o perigo maior seria abandonar a Palavra e passar a viver uma vida puramente secular. A Bíblia esclarece onde está o verdadeiro risco.

E nós entendemos realmente esse perigo? Eu não creio. A evidência é a natureza das nossas orações: saúde, sucesso no trabalho, passar na prova, salvação de outra pessoa. E tudo bem com

esse tipo de oração. Mas onde estão as orações para sermos guardados do pecado? Para nos tornarmos mais piedosos? Para vivermos melhor para Deus e conhecê-lo mais? Para sentirmos o doce da Palavra no coração? Ora, meu povo, sem a Bíblia, nunca enxergaremos o nosso verdadeiro perigo: indiferença espiritual, coração frio, falta de apetite pela Bíblia, o pecado e a apostasia.

6. Inimigos (v. 110)

O versículo 110 ensina a mesma lição, mas deixa claro que o salmista corria risco de ser morto. Os “ímpios” lhe armaram ciladas.

E se você tentar viver para Cristo, terá experiências parecidas. Pessoas ímpias vão armar ciladas, porque te odeia e ao SENHOR a quem você serve. Vão tentar te fazer parecer mal ou fracassar no trabalho. Para permanecer firme, você precisará da Palavra para acertar as prioridades — porque é muito mais importante ser aprovado por Deus do que pelas pessoas.

Mas há um inimigo ainda maior que os ímpios (e os falsos crentes) que o cercam: o diabo. A Bíblia o descreve como “astuto” (Gn 3.1), “o pai da mentira” (Jo 8.44) e “como leão que ruge em derredor, procurando alguém para devorar” (1Pe 5.8). Para triunfar sobre ele, você precisará saber o que a Bíblia diz: ele é poderoso, mas é um inimigo derrotado.

As maiores batalhas da sua vida não são “contra o sangue e a carne, mas contra os principados e as potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestiais” (Ef 6.12). São as batalhas espirituais que realmente importam. E você só a vencerá se mantiver a palavra de Deus na mente e no coração (leia Mateus 4, veja como Jesus venceu o diabo em sua tentação no deserto; foi pela palavra de Deus).

Os ímpios armam ciladas contra mim, mas eu não me desviei dos teus preceitos. (V. 110)

7. O verdadeiro legado do crente (v. 111)

A Bíblia esclarece qual é a verdadeira herança do crente.

Os teus testemunhos, recebi-os por legado perpétuo, porque são a alegria do meu coração.

Legado aqui é sinônimo de herança.

Qual é a herança de Davi? Uma recompensa celestial? Uma palavra de louvor de Deus? Surpreendentemente, ele diz que a herança dele é aquilo de que ele vinha falando o tempo todo: a própria palavra de Deus.

Os teus testemunhos, recebi-os por legado perpétuo, porque são a alegria do meu coração.

Por que ele deseja como herança aquilo que ele já tem? E por que nós deveríamos dizer o mesmo? Três razões.

Primeiro: só a Palavra dura para sempre

De tudo o que parece importante nesta terra, só a palavra de Deus dura. Jesus não exagerou: “Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão” (Mt 24.35). Casas passam, contas bancárias passam, conquistas passam. Só a Palavra não passa.

Segundo: a Palavra é o próprio Deus dado a nós

Como a lei de Deus é a própria palavra de Deus, ela é parte do próprio Deus — assim como as nossas palavras são parte de quem nós somos. Ela é o que possuímos de Deus aqui. Por isso, quando o salmista diz que os testemunhos de Deus são a herança dele, está dizendo que o próprio Deus é a herança dele.

Davi já tinha confessado: “O SENHOR é a minha porção [ou: herança]; eu disse que guardaria as tuas palavras” (v. 57).

Não há nada melhor do que Deus. E na Palavra nós o temos — **1Samuel 3.21**: “o SENHOR se manifestava a Samuel por meio da palavra do SENHOR.”

Terceiro: a Palavra é a alegria do coração

Não foi à toa, portanto, que Davi descobriu que os *testemunhos* de Deus são “a alegria do [seu] coração” (Sl 119.111).

Apesar de tudo, vemos que Davi está plenamente satisfeito.

A palavra de Deus é a sua herança perpétua; por meio dela Deus se manifesta a ele; por causa disso a Palavra é a alegria do seu coração.

Oro, gente, não é justamente por isso que tantos de nós vivemos insatisfeitos? Porque não encontramos em Deus e na Palavra dele a satisfação que o salmista encontrou em doce comunhão com o SENHOR. Davi era espiritualmente rico. Muitos são ricos em coisas, mas pobres de alma. São, portanto, infelizes.

Perseverando até o fim

Davi era uma pessoa prática. E nós vemos isso no modo como a estrofe *Num* termina. Ela se encerra com uma declaração de determinação inabalável — **versículo 112**:

Inclino o coração a guardar [ou: *cumprir*] os teus decretos.
para sempre, até o fim.

Por que Davi quer guardar os decretos de Deus? É porque, ao guardá-los, ele vai conseguir tudo aquilo que nós vimos esta noite: vai viver uma vida que agrada a Deus, vai entender o que é a verdadeira justiça, vai ter a perspectiva divina sobre o sofrimento e triunfar nele, vai adorar a Deus corretamente, não vai ser desviado da obediência por nenhum perigo, não vai ser distraído pelas ciladas dos ímpios ou do diabo, e vai ter uma herança que dura para sempre: o SENHOR, que nesta vida se manifesta a nós pela Palavra.

Olha que coisa linda! Tudo o que nós vimos hoje está conectado a um único compromisso: inclinar o coração a guardar/cumprir os decretos de Deus até o fim.

Cosmovisão bíblica versus cosmovisão secular

Aqui chegamos ao ponto que amarra tudo o que nós ouvimos hoje. Nós às vezes falamos sobre ter uma cosmovisão bíblica, em oposição a uma cosmovisão secular.

A cosmovisão secular é limitada pelo que nós conseguimos ver. Pelo aqui e pelo agora. É a cosmovisão da Oprah Winfrey, com o GPS dos sentimentos. É a cosmovisão da Disney, com o “siga o seu coração”. É a cosmovisão do Luke Skywalker, atirando no escuro de olhos fechados. É a cosmovisão do deísmo moralista terapêutico, com aquele deus que existe só para você se sentir bem consigo mesmo. Tudo isso é cosmovisão secular. E não passa daqui. Acaba no túmulo. E leva você para o inferno

Já a cosmovisão bíblica é outra coisa. Ela vê todas as coisas à luz de Deus, a partir da perspectiva da revelação de Deus. Essa cosmovisão pode ser expressa de muitas maneiras.

Mas, sinceramente, não há resumo melhor da cosmovisão bíblica do que esses oito versículos da estrofe *Num*. Eles tratam de Deus, da vida, da justiça, do sofrimento, da adoração, do perigo, dos inimigos e da nossa herança — tudo isso à luz da Palavra.

Esses oito versículos são aquilo de que a vida se trata.

E a única razão pela qual o salmista alcançou essa perspectiva é uma só: a palavra de Deus a articula com clareza. Davi viveu o que nós vimos no primeiro ponto — a perspicuidade/clareza da Bíblia — na prática da vida dele.

O chamado: por onde a reorientação começa

E é por isso que, na introdução desta noite, eu falei sobre uma humanidade caminhando rumo à morte, guiada por uma bússola quebrada. Hoje nós vimos o caminho de volta. Vimos que existe luz. Vimos que existe mapa. Vimos que existe herança.

Mas é preciso fazer alguma coisa com isso.

A igreja evangélica precisa se afastar da sua triste mundanidade. Você também. E precisa começar, mais uma vez, a viver pelas verdades da palavra de Deus. Precisa trocar o GPS dos sentimentos pela lâmpada das Escrituras. Precisa trocar a autoajuda pelo ensino bíblico sólido. Precisa trocar o coração enganoso pelos decretos de Deus.

E olha, eu vou ser bem honesto com você: essa reorientação radical não vai começar em outro lugar. Ela tem que começar aqui. Ela tem que começar em seu coração.

Disse Jesus, em **João 3.19**: “A condenação é esta: a luz veio ao mundo, mas os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más.”

Não feche os olhos. Abra-os e olhe para Jesus, a luz que resplandeceu nas trevas deste mundo (Jo 1.5). Cristo é a luz para o caminho escuro do seu coração e as trevas deste mundo que tentam prevalecer contra ele.

Abra seus olhos. Olhe para a luz de Deus em Cristo.

Não siga o seu coração. Tome a sua cruz. Negue a si mesmo. Siga Jesus Cristo. Ele é a luz para o caminho escuro.

S.D.G. L.B.Peixoto.